

UNIVERSIDADE TIRADENTES

JANIA ALMEIDA GERMANO
MANUELA PORTO ROCHA
MARIA CAROLINE OLIVEIRA DA SILVA

ESTUDOS DE CASOS DE BULLYING NA ESCOLA
ESTADUAL CORONEL JOÃO FERNANDES DE BRITTO,
“CONHECER PARA COMBATER”.

Propriá
2012

JANIA ALMEIDA GERMANO
MANUELA PORTO ROCHA
MARIA CAROLINE OLIVEIRA DA SILVA

ESTUDOS DE CASOS DE BULLYING NA ESCOLA
ESTADUAL CORONEL JOÃO FERNANDES DE BRITTO,
“CONHECER PARA COMBATER”.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado na Universidade Tiradentes
– UNIT, como Pré - requisito para
obtenção do Grau de Bacharel em
Serviço Social.

Prof^ª. Orientadora
ACÁCIA GARDENIA S. LELIS.

Propriá
2012

JANIA ALMEIDA GERMANO
MANUELA PORTO ROCHA
MARIA CAROLINE OLIVEIRA DA SILVA

ESTUDOS DE CASOS DE BULLYING NA ESCOLA
ESTADUAL CORONEL JOÃO FERNANDES DE BRITTO,
“CONHECER PARA COMBATER”.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado na Universidade Tiradentes
– UNIT, como Pré - requisito para
obtenção do Grau de Bacharel em
Serviço Social.

Aprovada em ____/____/____
Banca examinadora

Prof. Esp. Acácia Gardênia Santos Lelis
Universidade Tiradentes

Prof. MSc. Adelina Amélia Vieira Lubambo Britto
Universidade Tiradentes

Prof. MSc. Lívia de Melo Barbosa
Universidade Tiradentes

Dedico aos meus pais, que durante minha vida foram os atores principais de minha formação e esteve ao meu lado em todos os momentos me apoiando, com muito amor e respeito.

Obrigado!

Jania Almeida Germano

Dedico aos meus pais por estarem sempre por perto a me proteger e ensinar noções essenciais que servem para minha trajetória de vida. A vocês pais, amigos agradeço por tudo. Amo vocês.

Manuela Porto Rocha

Dedico aos meus pais que sempre me apoiaram as minhas decisões e que na hora em que eu mais precisava estava lá. A minha mãe principalmente uma guerreira e pé no chão.

Mãe você é minha inspiração

Te AMO muito.

Maria Caroline Oliveira da Silva

AGRADECIMENTOS

Andei... Por caminhos difíceis, eu sei. Mas olhando o chão sob meus pés, vejo a vida correr. E assim, a cada passo que der, tentarei fazer o melhor que puder. Desde o início de minha caminhada, tu estavas comigo. Dias e noites se passaram. Vitórias foram conquistadas. Derrotas foram superadas. Amizades foram criadas. Conhecimentos foram adquiridos. E agora que alcancei o meu objetivo, vim te louvar, te agradecer e oferecer-te humildemente a vida, o amor, a felicidade, enfim, a vitória deste momento. Obrigado Senhor. Em seguida agradeço a todos aqueles que de alguma forma se tornaram colaboradores para a conclusão da minha formação profissional, meus sinceros agradecimentos: Agradeço ao meu esposo Anilton Dantas, por ser esse marido maravilhoso, pai presente, patrão compreensivo, amigo, o Homem da minha vida. A minha filha Janaina de Cássia por ser tão compreensiva e amiga, te amo muito. As minhas irmãs e irmãos: Joseane, Tayná, Dayana, Kaliana, Regina, Aline, Geane, Gerson e Edjane, por contribuir com amizade e carinho ao cuidar da minha filha. As minhas amigas e parceiras: Jessica, Maria Caroline e Manuela. Agradeço aos mestres, que estiveram à disposição e, me auxiliaram nesse processo de ensino e aprendizagem. E a todos os amigos que, direta e indiretamente foram agentes de transformação, para que, mais uma etapa de minha vida, fosse concluída. Obrigado!

Jania Almeida Germano

AGRADECIMENTOS

Aquele que me proporcionou mais esta vitória, a Deus, que sempre está ao meu lado, seja quando caio para me levantar, chorando para me consolar, angustiada para me aliviar, lutando para me dá vitória. PAI, sem você não seria possível, obrigada JESUS.

A minha família, em especial minha mãe, por me orientar no caminho em que devo andar me ensinando valores que servem de alicerce para minha caminhada; por me motivar e acender em mim a esperança de onde posso chegar; por dividir comigo o papel de mãe, disponibilizando seu tempo para suprir a falta do meu. Acabamos de vencer mais uma batalha, UFA! A interdisciplinaridade da profissão começou desde da sala de aula, quando encontrei pessoas que transmitiram para mim como eu poderei aplicar o conhecimento adquirido em sala de aula na prática profissional. Jânia e Carol, para compartilhar, aprimorar, discutir sobre a melhor formula adotada. A Diandra que se apresentou de maneira mágica no momento delicado da minha vida, resgatando os valores humanos da nossa vida, o que seria de mim sem você no estágio! Obrigada. A Vivi, que não limitou a ser amiga de curso, mas também me revelou ser uma pessoa que posso contar na minha vida pessoal. Também contei com pessoas que serviram de referência e admiração, Jéssica para você tiro meu chapéu. Enfim, a Mayra e Patriciane, por me ensina a me posicionar diante das diferenças, também tiro meu chapéu.

A ela, que não se deteve aos limites impostos, mas me acompanhou em toda jornada, REBECA. O que para muitos poderia ser um problema para mim foi um incentivo, foi um motivo a mais, principalmente por, mesmo sem ter noção faz questão em participar ativamente da minha vida, me acordando para que eu vá trabalhar, pegando meus livros para comigo estudar, me esperando para dormir, brincando, rindo tudo para me vê feliz. FILHA mamãe te AMA.

Manuela Porto Rocha

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força e vontade conseguir ultrapassar mais um degrau da minha vida, mesmo passando por momentos bastante difíceis, diante de tudo isso agradeço a meu Deus por ter colocado os meus pais no mundo Normelia Oliveira da Silva e José Gomes da Silva e ao mesmo tempo por eles terem me gerado. Agradeço muito a minha mãe por sempre me está do meu lado me apoiado mesmo quando eu estava errada para me proteger, aos meus irmãos, Sabrina, Sirleide, Francione e Henrique, pois sempre que eu precisava estavam lá para resolver os meus problemas desde ensino fundamental. Agradecer ao meu amor Heldes Guimarães Silva Junyor que sempre esteve comigo nos momentos bons e ruins e sempre que eu caia me erguia, te amo amor, saiba que você é meu passado, presente e meu futuro.

Não posso esquecer-me das pessoas que direta ou indiretamente me ajudou a vencer alguns obstáculos da minha vida as amigas e irmãs Cintia e Jamilly, na faculdade Jânia, Manuela e Jessica e outro que não lembro no momento agradeço por ter vocês como amigas me apoiando nas minhas decisões, me aconselhando sempre para o bem. Mas não posso me esquecer de duas pessoas que foram muito importantes para minha construção como pessoa e profissional Jeane Carvalho e Luciano Nascimento muito obrigada, pois são pequenos gestos de carinho que muda uma vida e todos vocês mudaram a minha, jamais me esquecerei de vocês porque hoje vocês são partes da minha vida. Mais ainda não darei o ponto final na minha história, existem muitos degraus a subir, e mais obstáculos a derrubar.

Maria Caroline Oliveira da Silva

“Aprendi que posso ficar furioso, tenho direito de me irritar, mas não tenho o direito de ser cruel. Que jamais posso dizer a uma criança que seus sonhos são impossíveis, pois seria uma tragédia para o mundo se eu conseguisse convencê-la disso” (Charles Chaplin).

RESUMO

O presente trabalho objetivou pesquisar um estudo de caso na escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto, na cidade de Propriá, estado de Sergipe e assim, evidenciar e verificar a ocorrência de casos de Bullying em sala de aula, visando conhecer os reais contextos originários desse fenômeno típico da sociedade capitalista, que trabalha e se edifica nas mazelas que constantemente esse sistema político e econômico gera, para manter as desigualdades sociais e o poder de consumo, nas mãos de alguns que possuem os meios de produção ou de geração de capital, e a má qualidade de vida para a maioria da população. Somente conhecendo as multifacetadas formas de caracterização do fenômeno bullying e os reais contextos de escolarização, se poderá propor condições de detecção do fenômeno, oportunizando aos professores e a toda comunidade escolar formas preventivas e protetivas dos aprendentes frente ao bullying. Este estudo é fruto de inquietações e reflexões nossas acerca do fenômeno bullying e sua complexa caracterização. Daí sua importância ser justificada, por promover discussão fundamentada com todos os cuidados teóricos e metodológicos, favorecendo o surgimento de novos estudos sobre o tema, e servindo também como auxiliar nas reflexões, acerca das intervenções que se farão e serão necessárias posteriormente. Para melhor fundamentar a pesquisa, a revisão crítica da bibliografia especializada e pertinente ao tema foi escolhida, onde buscamos explicitar e nos aproximarmos dos contextos da escola e da educação pública. A pesquisa de campo ouviu alunos e professores com questionários estruturados acerca do tema bullying, onde ficou evidenciado a complexidade do tema e a existência de casos de bullying na escola, que não provoca a discussão, nem faz nenhuma prevenção ou combate ao fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; Educação, Serviço Social; Prevenção.

ABSTRACT

The present work aims at a case study in the State School Colonel John Fernandes de Britto, the city of Propria, Sergipe State, demonstrate and verify the occurrence of Bullying in the classroom in order to know the real origin of this phenomenon typical contexts capitalist society that works and builds upon the ills that constantly generates political and economic system to maintain social inequalities and power consumption in the hands of some who have the means of production or generation of capital, and poor for most of population. Only by knowing the multifaceted forms of bullying characterization of the phenomenon and the real contexts of schooling may propose conditions to detect a phenomenon, providing opportunities for teachers and entire school community forms preventive and protective against the bullying of learners. This is the result of our concerns and thoughts about the bullying phenomenon and its complex characterization. Hence its importance and justification, as will promote reasoned discussion with all the theoretical and methodological care, favoring the emergence of new studies on the subject and also serving as an aid in thinking about and interventions that will be needed later. To better support research, critical review of relevant literature, and the theme was chosen, where we try to expose and approach the contexts of school and public education. The fieldwork heard students and teachers with structured questionnaires on the subject closed bullying, where it was evident the complexity of the subject and the existence of cases of bullying at school, causing no discussion, nor do any prevention or combating the phenomenon.

KEYWORDS: Bullying, Education, Social Work; Prevention.

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA: Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência

CEMEOBES: Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar;

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente;

PNCFC: Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária;

UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Nível de conhecimento dos docentes sobre o assunto Bullying.....	45
Gráfico 2: Estimativa dos docentes que conseguem caracterizar o Bullying no âmbito Escolar.....	47
Gráfico 3: Ocorrência de debates em sala de aula acerca do tema Bullying.....	49
Gráfico 4: Quantitativo de alunos vítimas de Bullying.....	50
Gráfico 5: Nível de conhecimento dos alunos sobre o assunto Bullying.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 CONCEITUANDO E CONHECENDO O BULLYING.....	20
2.1 Origem do Bullying nas Escolas.....	20
2.2 Formas de Bullying e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.....	26
2.3 Violência na Infância.....	29
3 BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR.....	34
3.1 Personagens do Bullying na Escola.....	34
3.2 Causas e Consequências do Bullying.....	36
3.3 Responsabilização dos Autores do Bullying.....	39
4 BULLYING NA ESCOLA ESTADUAL CEL. JOÃO FERNANDES DE BRITTO...43	
4.1 A Ocorrência de Bullying na Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto... 44	44
4.2 Violência, Bullying e o Papel da Família e da Escola.....	55
4.3 Prevenindo e combatendo o Bullying nas Escolas.....	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE (S) E/ OU ANEXOS (S).....	63

1 INTRODUÇÃO

Quando nos referimos ao tema violência nas escolas logo vem à nossa mente formas explícitas de violência: vandalismo, pichação, rixas e agressões contra professores e alunos, no entanto, esquecemos ou não temos conhecimento de que nossas escolas convivem com uma violência, muitas vezes, mais cruel e, quase sempre, ignorada pelos pais e pelos professores.

Esse tipo de violência é conhecido como bullying, que se caracteriza por atos de as agressões que acontecem no ambiente escolar sem motivação aparente perpetrada por alunos que amedrontam, constrangem e magoam suas vítimas pelo simples fato de serem diferentes, por fugirem do padrão comum da turma.

Todos os dias alunos no mundo todo sofrem com um tipo de violência, que vem mascarada na forma de ‘brincadeira’. Esse comportamento pode acarretar sérias consequências ao desenvolvimento psíquico dos alunos, gerando desde queda na auto-estima até, em casos mais extremos, suicídios e outras tragédias.

Diante dessa violência, sentimos uma necessidade de abordar o fenômeno bullying, com o presente trabalho intitulado Estudos de casos de bullying na Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto, “conhecer para combater”. Objetivamos verificar se o debate acerca do tema bullying – origem desta violência, causas, consequências, responsabilização – está sendo realizado no âmbito da Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto. Complementarmente, revelar se havendo ocorrências desse tipo de violência na referida escola, qual seria a atuação dos docentes nestes casos, bem como, quais às medidas de prevenção e combate tem sido cada vez mais usual.

O bullying é um problema antigo que começou a ser estudado nos anos de 1970 na Suécia. Muitos pesquisadores como Fante (2005), definem bullying como o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa podendo ocorrer em diversos ambientes. No entanto, esta pesquisa enfatiza a ocorrência dessa violência apenas em instituições de ensino, no caso, numa escola estadual do município de Propriá/SE.

Nesse direcionamento, a presente pesquisa traz um esboço conceitual sobre alguns aspectos relevantes para compreensão desse tipo de violência. Além de explicitar características específicas da mesma no âmbito escolar, e indicar a necessidade de ações de prevenção e combate ao Bullying.

A pesquisa é fruto de inquietações e reflexões sobre a sociedade contemporânea durante a formação profissional, no Curso de Serviço Social da Universidade Tiradentes-Campus Propriá/SE, e diante da dimensão investigativa da profissão, surgiu a necessidade de compreensão acerca do tema Bullying, considerando a emergência de ações que previnam e combatam esse tipo de violência no município de Propriá/SE. A mesma é um importante instrumento de conhecimento sobre o tema, contribuindo para posteriormente a realização de medidas junto a esta problemática no âmbito escolar.

A referente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual João Fernandes de Britto, localizada na Praça Coronel João Fernandes de Britto, Bairro Centro, no município de Propriá/SE, e os tipos de pesquisas adotadas foram a bibliográfica e a exploratória.

Quase todos os estudos fazem uso do levantamento bibliográfico e algumas pesquisas são desenvolvidas exclusivamente por fontes bibliográficas. Sua principal vantagem é possibilitar ao investigador a cobertura de uma gama de acontecimentos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 1999, pag. 15).

A pesquisa bibliográfica se aplicou pela necessidade de verificação do que já foi produzido ou publicado até o momento sobre o assunto, e melhor fundamentar o tema objeto

deste estudo; A abordagem adotada foi a quanti-qualitativa e possibilitou analisar e caracterizar os dados de maneira mais detalhada e profunda. Quanto a pesquisa exploratória se deu para coletar os dados necessários, verificando se o debate sobre o tema Bullying tem sido realizado na Escola lócus da pesquisa.

A pesquisa exploratória proporciona maior proximidade com o problema visando torna-lo explícito ou definir hipóteses. Procura aprimorar ideias ou descobrir intuições. Possui um planejamento flexível. Este tipo de pesquisa é voltado para pesquisadores que possuem pouco conhecimento sobre o assunto pesquisado. (COLLIS, HUSSEY, 2005, pag. 14).

A escola lócus da pesquisa foi escolhida por ser do seguimento público e em conversas anteriores realizadas com o corpo diretivo da escola, constatou-se que nenhum estudo anterior havia sido feito e os docentes deixaram claro a vontade de ver a temática pesquisada e discutida, pois eles acreditavam que casos de bullying poderiam ser evidenciados nas entrevistas.

As entrevistas deram-se através de questionário semi- estruturado “por ser um meio do qual precisamos para melhor obter as certezas que nos permitem avançar em nossas investigações” (TRIVIÑOS, 1987, pag. 17).

Os dados coletados foram analisados dentro dos objetivos propostos nesta pesquisa, numa perspectiva de análise do nível de conhecimento do tema, por parte dos docentes e alunos que compõem a turma do 7º Ano do turno vespertino da referida escola. A análise se deu numa perspectiva histórica e crítica, considerando a dinâmica da sociedade, buscando situar a discussão sobre o Bullying e suas características ao longo dos anos, e a relevância de ações conjuntas entre o Estado, a familiar e a sociedade para prevenção e combate deste tipo de violência.

Para fins didáticos este trabalho foi estruturado em 5 (cinco) capítulos. O primeiro capítulo é a Introdução. O segundo tratou da origem e formas de Bullying, bem como sobre a violência na infância e suas consequências. Considerando que a compreensão dos aspectos

intrínsecos relacionados ao bullying, faz a diferença para a totalidade da análise desta problemática.

O terceiro capítulo enfocou o Bullying especificamente no âmbito escolar. Por isso, está estruturado de maneira que possibilitou visualizar e caracterizar os personagens, causas e consequências dessa violência no âmbito da escola, bem como explicita como se dá a responsabilização dos autores dessas ações violentas.

O quarto capítulo objetivou revelar a ocorrência de bullying na Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto, como também buscar ou verificar e explicitar a necessidade de ativa atuação dos docentes e dirigentes das escolas nestes casos. Além disso, este capítulo trouxe uma reflexão sobre como prevenir e combater o bullying nas escolas, considerando a necessidade local de ações voltadas nesse sentido.

No Quinto capítulo finalizamos com as Considerações Finais, diante do exposto, esta pesquisa possibilitou dentro do contexto e do debate contemporâneo sobre a violência na escola – bullying – uma discussão acerca do tema, numa perspectiva de maior conhecimento sobre o mesmo e seus aspectos e impactos na realidade social. Além disso, consideramos o trabalho relevante por sua originalidade, uma vez que o estudo sobre a realidade local no contexto de violência na Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto nunca foi realizado. Ressalta-se ainda, que o estudo representa uma oportunidade de melhor compreender e avaliar a necessidade e realidade local, no que diz respeito a presença da violência no âmbito formativo de crianças e adolescentes em instituições de ensino do município de Propriá/SE. Nesse sentido, o resultado da pesquisa foi de interesse dos próprios docentes da Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto; Das autoridades locais que desejarem diante da necessidade, realizar uma intervenção nesta instituição de ensino e a todos que se interessam pelo estudo das expressões da questão social contemporânea e o fenômeno bullying nesse contexto.

2 CONCEITUANDO E CONHECENDO O BULLYING

O bullying é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de bullying entre seus alunos, desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Nesse capítulo abordamos os variados conceitos sobre bullying em busca de definições mais finais, utilizando diversos autores que disputam a relação entre o conceito de violência e o de bullying, analisando modelos de relações e princípios a partir do modelo educacional no Brasil, dos grupos sociais e da família.

2.1 Origem do Bullying nas Escolas

Nos últimos tempos muito se tem dito sobre o fenômeno bullying. Livros foram traduzidos e publicados, dissertações e teses versando sobre o tema já foram defendidas ou estão em curso, há abundância de informação na internet e, com maior frequência, passamos a ver o tema na mídia. Além disso, projetos de Lei vêm sendo aprovados em diversos estados, objetivando a prevenção desse fenômeno.

Apesar da profusão de informações, a temática ainda está distante da maioria dos profissionais que atuam na área educacional e, quando estes declaram ter alguma informação sobre o assunto, na maioria das vezes, ela está ligada a algum relato que presenciou ou ouviu falar, não havendo maior aprofundamento. No que tange a alunos e pais, as informações são

mais superficiais ainda, revelando que o fenômeno bullying – apesar de estar presente na grande maioria das escolas brasileiras, das redes pública e particular, e atingir alunos de diferentes níveis de ensino da Educação Infantil ao Ensino Superior, com consequências para o desenvolvimento e a aprendizagem do educando – é um desconhecido da comunidade escolar (BEAUDOIN, 2006).

O item em questão congrega um conjunto de informações sobre a origem do Bullying nas instituições de ensino, porém, ao tratar sobre este tema, inicialmente é importante compreender a “Educação” no contexto histórico geral para observar a problemática existente e as questões agregadas nas relações interpessoais estabelecidas pelos indivíduos em sociedade (PEREIRA, 2009).

Na Educação de maneira geral são apresentadas dificuldades ao trabalhar com educandos que vivenciam problemas diretos ou indiretos de Bullying nas instituições de ensino; porém, estas instituições precisam proporcionar um ambiente agradável e propício para o desenvolvimento destes alunos em classes regulares de ensino.

Nesse contexto, como informa Silva (2010) Bullying é fenômeno antigo e predominante nas instituições de ensino independente do sistema em vigor.

No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos (SILVA, 2010, p. 111).

É interessante que não somente no Brasil, mas em outros países o problema de violência se alastra tomando uma dimensão difícil de tratá-la, devido a ausência de uma política que olhe para o aluno, não apenas em sala de aula, mas o contexto social e familiar o qual está inserido, abordando condicionalidades de transformação e recuperação social.

Evidentemente o Bullying é problema mundial que se concretiza em diversos ambientes que proporcionem a interação dos indivíduos. O nosso foco são instituições de ensino, por ser neste ambiente onde primeiramente estabelecemos relações interpessoais com outros educandos, isto porventura pode ocasionar algumas expressões premeditadas e planejadas, podendo ser executada como forma de Bullying. Fante (2005) dá sua explicação para o bullying como sendo:

A palavra Bullying é de origem inglesa e adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Este termo conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre os problemas da violência escolar (FANTE, 2005, p. 34).

Os conflitos eventuais por Bullying ocorrem sob a forma de intolerância entre os indivíduos que sem justificativa alguma inicia uma conduta de desrespeito com a condição do outro, discriminando os mínimos gestos executados e apresentando repúdio. É ainda, conforme Constantini (2004, p. 45), “uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada”.

É essencial mencionar que nem todas as agressões sofridas nas instituições de ensino podem ser caracterizadas como Bullying. Para que o ato sofrido seja efetivado como tal, é necessário que exista agressão psicológica, moral ou física, como declara Fante (2005):

Pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. Nesse panorama, os alunos brasileiros, em comparação aos outros, são os que mais sofrem insultos, apanham e são assediados verbal, física e sexualmente. Por esse motivo, o Brasil foi apontado como campeão em bullying. A pesquisa do CEMEOBES de 2007 constatou que o índice de bullying no Brasil está acima da média mundial (DOURADO, 2011, pag. 19).

O desenvolvimento do Bullying na sociedade é um tema pesquisado por diversos estudiosos ao redor do mundo, que apresentam interesse em observar o crescimento do problema nas sociedades. Todo este ambiente é composto por vários momentos de tensão, de modo que este fenômeno está em constante evolução. Em função disto, é extremamente necessário que as autoridades competentes elaborem projetos e programas voltados a atender crianças, adolescentes e jovens, que se sintam prejudicados com as consequências do Bullying (MELO, 2010).

Dan Olweus, pesquisador e estudioso do tema, ouviu diversas pessoas ligadas à comunidade escolar na Noruega, buscando constatar formas de bullying e fomentar maneiras de enfrentamento do problema, como destaca Silva (2010):

O próprio Olweus destacou que as condutas bullying estão presentes, com relevância similar ou até superior ao que ocorre na Noruega, em diversos outros países, tais como Suécia, Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Holanda, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália (SILVA, 2010, p. 112).

O que é lamentável é que a preocupação ou enfoque com esses projetos só ganham notoriedade quando acontecem casos drásticos que repercute por todo país, daí, percebe-se a mobilização social buscando garantias de direitos e a preocupação dos órgãos públicos em atender e controlar esses anseios.

No Brasil, existem associações que se dedicam única e exclusivamente a pesquisar as causas e consequências do Bullying na sociedade, a exemplo da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), que trabalha com estudos, pesquisas e divulgação do fenômeno desde o ano de 2001. Segundo dados esta associação, entre novembro e dezembro do ano de 2002 e março de 2003, efetivou uma pesquisa através da distribuição de questionários abordando o Bullying e seus diferentes aspectos nas instituições de ensino, com educandos da 5ª a 8ª série de sistemas públicos e privados.

Os dados obtidos nesta pesquisa foram os seguintes:

- Dos 5.482 alunos participantes, 40,5% (2.217) admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do bullying, seja como alvo (vítima) ou seja como autor (agressor);
- Houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (49,5%) na participação ativa das condutas de bullying;
- As agressões ocorrem principalmente na própria sala de aula (60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%);
- Em torno de 50% dos alvos (vítimas) admitem que não relataram o fato aos professores, nem aos pais.

Em relação aos dados obtidos durante a pesquisa, foram entrevistados ambos os sexos de modo que todos estão propícios a vivenciar situações de Bullying. Porém, os sujeitos do sexo feminino tende a praticar violências psicológicas, amedrontando constantemente a pessoa discriminada, com outras colegas para manipular a situação.

Segundo Melo (2010) é neste momento que emerge o papel da família como fundamental no desenvolvimento do educando, uma vez que a estrutura familiar é essencial para a formação da personalidade da criança. Assim o pai e a mãe, representam o equilíbrio familiar, por ser importante que estes transpareçam pontos positivos para seus filhos, assumindo suas responsabilidades com relação ao educando, propiciando a este o desempenho de atividades de maneira tranquila, sem sobrepor a vontade do outro, sob o preconceito ou a discriminação.

Sobre a participação dos pais na conduta dos seus filhos, Moreira (2010) declara.

Quando os pais não querem ter problemas disciplinares em casa, por mero comodismo, eles se tornam ditatoriais, agem por intimidação e ameaça. Nasce então o início do assédio moral, que provoca traumas e frustrações que os filhos levam pelo resto das vidas. Nem sempre os pais fazem isso por maldade, e, em muitos casos o fazem porque acham que estavam certos. Eu e minha esposa vimos muitos casos em que pais, que nos procuram nos finais das palestras, agradecidos por terem compreendido melhor que disciplina deve ser feita com amor, respeitando o limite do desenvolvimento da criança. Outros pais se dizem democráticos e deixam os filhos a revelia, quando estes ainda não tem maturidade suficiente para assumir determinadas responsabilidades (MOREIRA, 2010, p. 75).

Porém, para que o educando seja um indivíduo de boa índole é importante que no decorrer da criação, os pais não utilizem de medidas severas para solucionar situações ou problemas inesperados. É necessário que estes sejam perspicazes na criação, mas que esta seja realizada de maneira sutil, na base do diálogo e sem agressões, pois medida exagerada pode ocasionar consequências diversas, e assim prejudicar o desempenho do educando perante a sociedade, podendo este se transformar em um indivíduo amargo, sujeito a ser uma pessoa sobrecarregada de atos preconceituosos, como bem esclarece Silva (2010).

As consequências desses exagêros podem ser vista nos dias atuais, ao observamos que uma grande parcela de pais agem de forma excessivamente tolerante com seus filhos. São os pais do deixar pra lá ou que costumam passar as mãos na cabeça dos seus rebentos, diante de comportamentos francamente transgressores. Tais pais costumam fingir que nada ocorreu, adotam uma postura de falso entendimento ou, pior que isso censura os filhos de maneira tão débil que suas reprimendas e recomendações quase não são obedecidas ou executadas (SILVA, 2010, p. 61).

Diante do exposto, é perceptível que são inúmeras as formas de conflitos e tensões que ocasionam o Bullying, e que a família é a base para formação da identidade do sujeito. Por isso, comportamentos agressivos devem ser observados no ambiente familiar, para impedir a reprodução deste comportamento na sociedade.

O Bullying não escolhe gênero, raça ou credo ele simplesmente ocorre por intermédios de indivíduos que se apresentam vulneráveis nas instituições de ensino. Assim, é

essencial um trabalho conjunto, da escola com as famílias que vivenciam o problema, auxiliando na desenvoltura do educando perante os demais colegas.

2.2 Formas de Bullying e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA

O termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotada por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetitivos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima (PEREIRA, 2009).

Podemos afirmar que existem países que o termo bullying ainda não é traduzindo por conta de sua nomenclatura e o Brasil é um deles. Mas foi através desse termo que se deu visibilidade na sociedade em questão da violência escolar, que se encontra em uma situação descontrolada não só em nosso país, mas no mundo todo.

Existem várias nomenclaturas que mantêm o mesmo significado, onde trata o ser humano em situação desumana com humilhações constrangedoras, violência repetitiva e prolongada, pois não é o termo que vai aumentar ou diminuir o grau de agressividade. Autores como Neto (2011), Fante (2005), Pereira (2002), Cowie (2003), Constantini (2004), Paredes, Saul e Bianchi (2006), Abromavay (2003) Melo (2010), Moreira (2010) são unânimes ao informar que o bullying possui várias formas de agressões e consequências tanto para os agredidos quanto para os agressores. A seguir informamos algumas dessas formas de violência caracterizadas como bullying.

A violência direta: é a agressão diretamente com a sua vítima, usando sempre a agressão física (bater, chutar, tomar pertences), verbal (apelidos, insultar), gestual, sonoro ou

relacionamento (sinais, imitações, sons, simulados, atitudes preconceituosas sexuais ou discriminações notórias).

A violência indireta: disseminação de histórias desabonadoras, exclusão, ameaças, furtos, danos materiais. Esses tipos de violências tem sua identificação muito difícil, dificultando assim a sua defesa.

Violência implícita: é aquela violência que deixa a entender que é uma simples violência corriqueira, mas se trata de um bullying bastante agressivo, logo se torna uma violência velada.

Violência explícita: uma violência explícita é aquele que deixa bem claro o ato violento, não deixando dúvidas de que se trata de uma agressão bem direta, tornando-se de uma violência identificada.

Bullying verbal: apelidar, falar mal e insultar; na intenção de magoar outra pessoa, é uma violência. Embora você não toque, não machuque, mas você acaba machucando de outra forma.

Bullying moral: difamar, disseminar rumores e caluniar; a dor moral não é como a dor física que você pode localizar facilmente. A dor moral está espalhada por todo corpo, por que sua sede é o corpo emocional, então a dor moral é a dor da alma.

Bullying físico: empurrar, socar, chutar, beliscar, bater. Os meninos se envolvem com mais frequência na violência direta enquanto as meninas preferem uma forma mais indireta.

Bullying sexual: assediar, induzir, abusar;

Bullying psicológico: ignorar, excluir, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tyrannizar, chantagear, manipular.

Bullying Material: destroçar, estragar, furtar, roubar.

Além dessas violências existem mais dois tipos de bullying que estão na mídia, o Assédio Moral e o cyberbullying- ou bullying digital. O bullying digital divulga imagens, cria

comunidade, envia mensagem e invade a privacidade, tudo isso através dos meios de comunicação como telefones celulares, computadores, com o intuito de assediar a vítima ou expô-la a situações vexatórias. Segundo Lopes (2005), o mundo hoje experimenta uma nova era da tecnologia marcada pela facilidade de acesso à comunicação e a informação global.

O Cyberbullying é intensificado pelo uso da Internet, principalmente pelas crianças e adolescentes, que são os principais alvos e agentes dessa prática. É com essa tecnologia que em muitos momentos, os agressores podem acabar com a sua vítima seja ela através de telefonemas, radio, TV e principalmente computadores, com divulgações de imagens, indecentes entre outras. Hoje com essa tecnologia os agressores agridem suas vitimas em questão de segundos (PEREIRA, 2009).

Com relação ao Assédio Moral, é uma violência caracterizada através de palavras, atos e gestos agressivos, que possam trazer dano à personalidade, à integridade física e psíquica. De acordo com Cohen apud Colete e Miranda (2002), esse termo assédio moral, surgiu no ano de 1998, já para Moreira (2010), o termo assédio moral é a expressão dos trabalhadores e das trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante uma jornada de trabalho e no exercício de sua função.

Guedes assim declara:

A vítima do terror psicológico no trabalho não é o empregado desidioso, negligente. Ao contrário, os pesquisadores encontraram como vítimas justamente os empregados com um senso de responsabilidade quase patológico, são ingênuas no sentido de que acreditam nos outros e naquilo que fazem, são geralmente pessoas bem -educadas e possuidoras de valiosas qualidades profissionais e morais. De um modo geral, a vítima é escolhida justamente por ter algo mais. E é esse algo mais que o perverso busca roubar. As manobras perversas reduzem a auto-estima, confundem e levam a vítima a desacreditar de si mesma e a se culpar. Fragilizada emocionalmente, acaba por adotar comportamentos induzidos pelo agressor. Seduzido e fascinado pelo perverso o grupo não crê na inocência da vítima e acredita que ela haja consentido e, consciente ou inconscientemente, se já cúmplice da própria agressão (GUEDES, 2003, pag. 63).

É fato que na maioria das vezes as vitimas do assédio moral é Patrão x Funcionário, mais não qualquer funcionário, e sim aquele que faz a diferença, o que se sinta amedrontado de perder o seu espaço, o seu poder de líder, por outra pessoa tão qualificada quanto ele e de boa índole. Por conta disso o assediador sente o direito de humilhar, colocar o assediado em baixa estima, fazendo com que ele se sinta um fracassado, amedrontado, com o seu jeito de e pré-potência.

A escola tem o dever de proteger os seus alunos desse fenômeno, que cada vez se alastra em nosso meio social e impedir essa proliferação. Mas para que isso aconteça os professores, coordenadores e os demais membros da instituição têm que estarem capacitados, através de pesquisas, entrevistas para poder identificar o que realmente é o BULLYING, e tornar sua escola em um ambiente melhor e seguro, isso com a ajuda da escola mais também do Estado e da família.

2.3 Violência na Infância

O Estatuto da Criança e do Adolescente tem como objetivo maior proteger os direitos da criança e do adolescente, além de ser usado como um guia de orientação e de

medidas sócio-educativa, para que os direitos sejam devidamente efetivados, embora esses direitos não estejam sendo colocados em práticas por diversas partes. Essa responsabilidade social com as crianças e adolescentes deverá envolver variados contextos sociais onde elas encontram-se inseridas, família clubes, escolas, para que realmente se efetive a proteção e os cuidados.

As mudanças que estão acontecendo na sociedade passam a interferir direto ou indiretamente no processo de formação do indivíduo, alterando e transformando comportamentos. Assim imprime a necessidade de intervenções conjuntas para que as problemáticas sejam amenizadas ou resolvidas. Isso se aplica também no que diz respeito à violência na infância que perpassa pelas relações familiares e sociais afetando o âmbito escolar (SILVA, 2010).

Diante dessa situação o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária destacou que:

Somente nas décadas de 1960 e 1970 começou a despontar no Brasil uma consciência maior sobre a questão da violência contra a criança e o adolescente no âmbito das relações familiares. Os primeiros casos analisados pareciam apontar para fatos isolados cometidos por famílias de baixa renda, por “mães desequilibradas” e “pais alcoólatras”. No entanto, a vivência demonstrou que casos assim não eram tão raros e que os agressores se distribuíam por todas as camadas e grupos sociais (PNCFC, 2006 pag. 58).

Nesse sentido, é relevante ressaltar que fatos de violência como maus tratos, agressões, homicídios e etc. no âmbito familiar e escolar, acontecem cotidianamente, e mais que isso, deixa marcas físicas e psíquicas desde sua infância repercutindo a fase adulta.

O que é mais preocupante é a visão que muitos brasileiros tem como certa na forma de educar seus filhos. Muitos acreditam que atitudes de coação e ignorância garante o respeito e a moral de seus descendentes perante a sociedade. Assim, afirma o Ministério da Saúde:

Na cabeça de muitos brasileiros, talvez até da maioria, os pais continuam tendo poder de vida e morte sobre os filhos; crêem que a melhor educação só se consegue com punição e humilhação; e persiste a ideia de que é necessária a violência física para conter a desobediência e a rebeldia dos jovens e das crianças (MINISTERIO DA SAÛDE, 2006 pag. 30).

Numa perspectiva de transformação dessa realidade ressalta-se a relevância de ações, preventivas e de combate a essa violência, interligadas entre as três esferas: família, sociedade e Estado considerando que “quando a violência é banalizada ou não identificada como sintoma de patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural que pode ser assimilado pela criança e pelo jovem, como forma de ser um modo de autoafirmação” (Levinsky,1998 apud Pereira 2009, pag.14).

O artigo 226 da Constituição Federal (CF) de 1988 destaca a função e importância do papel familiar, visto que a mesma é estabelecida com base na sociedade. No entanto, a mesma reconhece que tanto o Estado como a família tem a responsabilidade de promover melhores condições de vida para essas crianças.

Ainda sobre a família, Levisky (1997) diz que:

A família é importante para a criança desde a tenra idade, pois a partir dela estruturam-se as bases de personalidade. É quando são incorporados os primeiros valores psicossociais que compõe os parâmetros da cultura, a partir da relação do bebê com seus pais (LEVISKY, 1997, apud PEREIRA, 2009 pag. 52).

No que tange o processo de co-responsabilidade a Constituição Federal de 1988, já evidencia medidas protetivas para as crianças e adolescentes inseridos nesse contexto de responsabilidade a família, a escola e a sociedade que passa a exigir das instituições e do estado por sua vez, condições de efetivações desses direitos, priorizando os direitos à vida, à saúde, a alimentação, a educação, a liberdade, a cultura, ao lazer à profissionalização criando no tecido social e comunitário a co-responsabilidade em ofertar qualidade de vida as crianças e adolescentes, protegendo-as de todo o tipo de violência (BRASIL, 1988).

Esses direitos devem ser consolidados para que as crianças e os adolescentes tenham condições de construir a sua própria identidade dentro dos padrões de princípios, valores morais, e culturais que rege a sociedade como um todo.

O Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) analisa que:

Além da fragilidade imposta pela pobreza, outros fatores concorrem para explicar a incidência da violência contra crianças e adolescentes no âmbito familiar. Dentre eles destacam-se: a história familiar passada ou presente de violência doméstica; a ocorrência de perturbações psicológicas entre os membros das famílias; o despreparo para a maternidade e/ou paternidade de pais jovens, inexperientes ou sujeitos a uma gravidez indesejada; a adoção de práticas educativas muito rígidas e autoritárias; o isolamento social das famílias que evitam desenvolver intimidade com pessoas de fora do pequeno círculo familiar; a ocorrência de práticas hostis ou negligentes em relação às crianças, e fatores situacionais diversos que colocam as famílias frente a circunstâncias não antecipadas (PNCFC, 2006 pag. 55).

A partir do momento em que a base da família está desestruturada a tendência é gerar conflitos no âmbito familiar. Todos esses fatores repercutem de maneira trágica no indivíduo que está no processo de formação de identidade, afetando o psicológico do ser humano.

Segundo Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária:

A violência, tanto no âmbito familiar como escolar, a discriminação, o consumismo veiculado na mídia, a intolerância e a falta de acesso às políticas sociais básicas – aspectos, relacionados à própria estruturação da sociedade brasileira - acabam repercutindo sobre a possibilidade de uma convivência familiar e comunitária saudável (PNCFC, 2006, pag. 33).

Nesse sentido Silva (2010), relembra que a violência é responsável pela maior parte das mortes entre jovens das camadas mais empobrecidas da população. A autora afirma que a violência urbana, fortemente associada ao tráfico e ao consumo de drogas, tem reflexos

na vida das famílias das diferentes classes sociais repercutindo sobre as relações intrafamiliares, o desenvolvimento de seus membros e a relação com o contexto social.

No que tange as relações sociais os fatores acima abordados são os que interferem no desenvolvimento familiar e comunitário afetando o processo de personalidade do indivíduo, assim:

Criar e educar os filhos, garantindo-lhes o usufruto de todos os direitos de que são titulares como pessoas humanas em situação peculiar de desenvolvimento, tem sido uma tarefa muitas vezes impossível de ser cumpridas pelas famílias submetidas condições de vida precárias, sem garantia de alimento, de moradia, de trabalho, de assistência à saúde e de todos os serviços que definem uma vida minimamente digna no mundo contemporâneo (PNCFC, 2006 pag. 54).

Não obstante, é responsabilidade do Estado promover políticas públicas de acesso a bens e serviços para diminuir a desigualdade social. O Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária artigo 226 §8º da Constituição Federal, estabelece que ao Estado compete assegurar a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir violências no âmbito de suas relações. Sendo assim, é relevante analisar alguns fatores que influenciam nesse contexto contraditório do sistema neoliberal que vem afetando o processo da consolidação das políticas sociais, para os indivíduos que dela necessita, portanto:

A sociedade brasileira tem convivido com um crescente índice de desemprego, desigualdade, exclusão social, reflexo de uma conjuntura internacional do modelo neoliberal que se alicerça na flexibilização, na desregulamentação e na precarização das relações de trabalho a meta do capital foi sempre o lucro como princípio fundante da economia e que se reflete nas políticas, nos aspectos sociais, culturais, geográficos, etc. E com isso começa a surgir problemas familiares, conflitos que repercute na estrutura das relações sociais (GUIMARÃES & ROCHA, 2008 pag. 28).

Motivado pelo exposto começam a surgir problemas familiares, conflitos que repercutem na estruturação das relações sociais diminuindo as condições de construção de uma melhor qualidade de vida e cidadania.

3 BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR

Nesse capítulo foi abordado todos os contextos que originam o bullying e seus autores, tendo como fundamental importância à união da escola e da família para oportunizar condições de minimizar os efeitos desse fenômeno, no rendimento escolar das crianças e adolescentes, que diariamente sofrem as consequências, do bullying e suas multifacetadas formas de violência, dentro e fora do ambiente escolar. Enfatizamos também nesse capítulo como a família e a escola é importante com o seu envolvimento, para criar e desenvolver metodologias e procedimentos que intencionam acabar de vez com essas violências.

3.1 Personagens do Bullying na Escola

Segundo Fante (2005), o bullying é uma violência de atitudes agressivas e aos poucos vai corroendo as suas vítimas afetando o seu estado físico, psíquico e mental, fazendo com que as suas vítimas não consigam se desenvolver perante a sociedade e se torne um ser fragilizado, sem perspectivas, frustrado, se marginalizando ou até mesmo agressivo.

O bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2005, pag. 28 e 29)

É a partir desses comportamentos agressivos que esses atos de violência se transformam em bullying, provocando muitas consequências aos vitimados. Muitas vezes as vítimas não conseguem se desenvolver na escola, no trabalho nem perante a sociedade, pois elas acabam passando por momento bastante traumático em sua vida social.

No caso do bullying na escola existem diversos tipos de personagens e os protagonistas, no seu comportamento no dia-dia. Segundo muitos autores como Carvalho, Lima, Matos, (2001), Pereira, Blaya e Debarbieux (2002), Fante (2005) e Lopes Neto (2005), Pereira (2009), destacam que os agressores são aqueles que agride vítimas mais vulneráveis e de ambos os sexos.

Para Fante (2005), as agressões são bem definidas na classificação do bullying, existe a *vítima típica*, é aquele que é obrigado a fazer algo que não é permitido e que muitas vezes pode ser prejudicado severamente, ou seja, se torna um verdadeiro fantoche nas mãos dos agressores. As vítimas típicas geralmente são pessoas afastadas da sociedade, tímida ou por ser diferente acaba sofrendo constantemente essa violência.

A *vítima provocadora* é aquela que chama a atenção dos agressores com o nível de provocação e irritação até ser agredido, e retribui a agressão sofrida com mais agressão, mas a vítima provocadora é sempre responsável pela violência ocorrida. Em casa, normalmente, são expostas a violência doméstica e possuem pais punitivos.

Vítima agressora são aqueles alunos (as), que já foram vítimas de maus-tratos e com isso passam a agredir outras vítimas, amedrontando e transformando essa vítima em fantoche na tentativa de repassar os atos sofridos.

Ainda segundo Fante, (2005) o *agressor*, normalmente é considerado melhor e temido por todos, possui atitudes anti-sociais e muitas das vezes não possui nenhum vínculo de relacionamento afetivo. Aparentemente se mostra mais forte que seus companheiros ou seu bando, adora ser o dominador e sempre vitimiza os mais fracos.

As testemunhas ou, seja o *telespectador*, são alunos ou pessoas que presenciam o bullying no âmbito escolar e na sociedade, porém não sofre nem pratica o ato violento. Preferem ficar em sigilo por medo de se tornar um alvo para os agressores, mesmo que a testemunha, não sofrendo a agressão diretamente, acaba sofrendo as consequências indiretamente desse fenômeno, pois se sentem inseguros no âmbito escolar. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 17 “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. Art. 18, “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente tem como objetivo proteger os direitos da criança e do adolescente, além de ser usado como um guia de orientação e das medidas sócio-educativa, para que os direitos sejam devidamente efetivados. E esses direitos infelizmente não estão sendo colocados em prática por diversas partes.

3.2 Causas e Consequências do Bullying

No que tange a dinâmica das relações sociais no processo de construção e formação do indivíduo, ressaltam-se alguns fatores decorrentes da violência do *bullying* que transforma harmonia familiar em turbulentos conflitos que acabam desestruturando a relação entre família, indivíduo, escola e sociedade.

De acordo com o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006):

O cenário de violência começa, muitas vezes, na casa da criança, passa por escolas e suas redondezas, pela comunidade, por outras instituições. Além das marcas físicas, quando não leva à morte, a violência deixa seqüelas emocionais que podem comprometer de forma permanente as crianças e os adolescentes. Ela prejudica o aprendizado, as relações sociais, o pleno desenvolvimento. Seus efeitos perversos podem se manifestar, ainda, na construção de um círculo de reprodução e retroalimentação de práticas violentas, em que, novamente, meninos e meninas serão as principais vítimas (PNPCFC pag. 11).

Por tanto são esses dentre outros fatores que perpassam no processo de formação do indivíduo, afetando o psicológico da criança e adolescente. Ressalta-se que essa violência vivenciada no ambiente familiar, passa a se manifestar no ambiente escolar, através do vandalismo, brincadeira de mau gosto, apelidos e atitudes violentas que são consideradas uma conduta do *bullying*.

Vale ressaltar que o *bullying* está provocando consequências graves tanto nas vítimas quanto nos agressores, não obstante esta sendo alvo de vários estudos. (Fante, 2005; Lisboa, 2009; Neto, 2007;), através de suas pesquisas perceberam que a vítima de *bullying* pode desenvolver sérios problemas psicossociais, ocasionando em suicídio, ou homicídio seguido de suicídio.

Assim Bertelli & Viana através de análise feita na pesquisa de Rubin e Pagel afirma que:

A prática de *bullying* pode acarretar sérias consequências para a vida de algumas crianças, muitas precisam de terapia para superar seus traumas sofridos por causa do *bullying*. Este é o caso Cleriston Apolinário, que começou a sofrer agressões aos 15 anos, virou alvo de *bullying*, jogavam suas provas no lixo, colocavam faixa em suas costas como “me chute”, hoje aos 21 anos diz que os professores tentavam interferir, mas em algumas situações chegavam a rir das piadas. Teve que fazer dois anos de terapia era um menino extrovertido e tornou-se tímido (BERTELLI & VIANA, 2010 pag. 1).

No entanto são declarações como essa que mostra a falta de compromisso e respeito ao outro tanto pelo aluno, quanto por parte do professor comprometendo a ética profissional, analisando esse caso e dentre outros pesquisados em escolas do Rio de Janeiro, Fante reforça: “os nossos professores ainda não sabem distinguir entre condutas violentas

brincadeiras próprias da idade, bem como lhes falta preparo para identificar, diagnosticar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas *bullying*” (FANTE, 2005, pag. 67).

Por tanto é relevante abordar prováveis consequências que o agressor e as vítimas podem enfrentar quando envolvido com o fenômeno bullying. O agressor passa por:

Vidas destruídas; crença na força para solução dos seus problemas; dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social; problemas de relacionamento afetivo e social; incapacidade ou dificuldade de autocontrole e comportamentos antissociais (PEREIRA, 2002, pag. 25, apud PEREIRA, 2009, pag. 62).

Não deixando de citar também uma relação de consequências das vítimas, seguindo com as afirmações de Pereira (2009):

As vítimas podem vir a ter suas vidas infelizes, destruídas, vivendo sobre a sombra do medo, com perda de autoconfiança e confiança nos outros; falta de autoestima autoconceito negativo e depreciativo; falta de concentração; morte (muitas vezes por suicídio ou vítima de homicídio); dificuldade de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas (PEREIRA, 2002, pag. 25, apud PEREIRA, 2009, pag. 62).

Assim tanto o agressor quanto a vítima estão sujeitos a passar por essas consequências em qualquer meio que envolva relações interpessoais tanto no seio familiar quanto no âmbito escolar.

3.3 Responsabilização dos Autores do Bullying

A vertente temática sobre a responsabilização dos autores do Bullying retoma a necessidade de discutir o tema em questão, observando a dimensão adquirida por este no âmbito escolar, no intuito de identificar como se apresentam os indivíduos que vivenciam constantemente esta dramática realidade (CONSTATINI 2004).

Por isso, pensar em atores do Bullying requer olhos abertos para a sociedade contemporânea que o recria frequentemente nos mais diversos ambientes sociais, sendo estes as próprias vítimas, os agressores e os espectadores. A premissa é que atualmente as vítimas do Bullying normalmente são indivíduos que apresentam dificuldade de socialização, por isso no ambiente escolar estão sujeitos a vivenciar diversos tipos de conflitos e tensões, ocasionadas por agressores que normalmente possuem características violentas, com comportamentos agressivos e provocadores, que atravessam o cotidiano educacional, afetando o pleno desenvolvimento do educando na sociedade (MELO 2010).

Geralmente crianças e adolescentes que vivenciam este tipo de discriminação são indivíduos inseguros, que detém maior sensibilidade e com características que se diferenciam dos demais, alguns são gordos e outros magros, uns altos e outros baixos, ou até mesmo por apresentar algum tipo de deficiência física, ou ter a necessidade de utilizar óculos de grau etc.

As vítimas podem ser fragmentadas em três tipos distintos: as típicas, as provocadoras e as agressoras (SILVA, 2010), cada uma demonstrando um nível específico do Bullying, assim ao iniciar uma breve reflexão quanto ao conteúdo abordado pela autora é possível concluir que as *vítimas típicas* são indivíduos que apresentam padrão de vida diferenciado dos demais colegas de classe, deflagrando todo processo de preconceito e discriminação. Já as *vítimas provocadoras* propiciam reações agressivas contra si mesmo, sem

perceber que pode ser prejudicado, e por fim as *vítimas agressoras* que criam situações semelhantes a já vivenciadas, ou seja, reproduz todo e qualquer tipo de agressão sofrida.

Nos ambientes escolares várias são as possibilidades de concretização do Bullying, por isso os educadores tem o dever de estar atento a qualquer modificação de comportamento do educando, que pode se apresentar de diversas maneiras: no momento de intervalo o adolescente pode não pertencer a nenhum grupo e estar sempre próximo de um adulto, na sala de aula é pouco participativo e frequentemente é ausente do sistema de ensino, todos estes aspectos surgem no intuito de impedir que atos de discriminação e preconceito se realizem (SILVA 2010).

Nesse contexto, os agressores estão em qualquer local e podem ser de ambos os sexos, são indivíduos sem escrúpulos que utilizam como base o desrespeito e a violência ao próximo. Os agressores agem sozinhos ou em grupos a depender da situação, e normalmente não permitem serem contrariados e exibem aversão a todas as regras e normas, mesmo tendo consciência de que são essencialmente necessárias para a dimensão social, política, econômica e cultural da sociedade, por proporcionar melhores condições de vida e desenvolvimento.

Estes agressores não surgem por acaso, são crianças e adolescentes que desde cedo cometem pequenos delitos, até mesmo no âmbito familiar. Assim, mais importante do que a escola é a família, pois é através desta que o comportamento do educando inicia a sua formação, os pais são espelhos para os filhos que reproduzem tudo o que vivenciou no âmbito familiar. Contudo, condutas positivas atraem aspectos positivos para o adolescente em pleno desenvolvimento social (PEREIRA 2009).

Os agressores no ambiente escolar podem apresentar várias características que implicam sobre a sua ação no sistema educacional, ou seja, este tipo de educando requer

medidas eficientes durante o processo de aprendizagem, para auxiliar na formação da sua personalidade profissional.

Em consonância com Silva (2010) os agressores:

Começam com brincadeiras de mau gosto, que rapidamente evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos, colocam apelidos pejorativos e ridicularizados, com explícito propósito maldoso; insultam, difamam, ameaçam, constroem e menosprezam alguns alunos; fazem ameaças diretas ou indiretas, dão ordens, dominam e subjugam seus pares; perturbam e intimidam, utilizando-se de empurrões, socos, pontapés, tapas, beliscões, puxada de cabelos ou de roupas; estão sempre se envolvendo, de forma direta ou velada, em desentendimentos e discussões entre alunos, ou entre alunos e professores; pegam materiais escolares, dinheiro, lanches e quaisquer pertences de outros estudantes, sem consentimento ou até mesmo sob coação (SILVA, 2010, p. 50).

E por fim, os espectadores que simplesmente são indivíduos que testemunham as situações de conflitos e tensões, entre os agressores e as vítimas, porém, apesar de presenciar ações de Bullying, não tomam posição alguma, somente observa o ocorrido e não se mobiliza em defesa de ninguém.

Os espectadores têm características peculiares alguns podem ser passivos, ativos e neutros. A categoria dos passivos é composta por indivíduos que convivem com medo de ser a próxima vítima, por isso evita toda e qualquer situação que represente ameaça. Os ativos não participam efetivamente do ato, mas através de atitudes insensatas acabam contribuindo para o agravamento da situação, por meio de risos, e palavras de apoio a situação, ou seja, é conivente com tudo o que acontece naquele momento, pois não tomam atitude alguma. E para finalizar os neutros que ficam paralisados com tudo o que observam e não conseguem tomar decisão alguma (MELO 2010).

Os atores do Bullying são estes acima mencionados, por isso é importante que pais e professores, identifiquem aspectos que possam comprometer o desenvolvimento do educando no sistema educacional de ensino e conseqüentemente na sociedade, vítimas, agressores e espectadores devem ser disciplinados, e a elaboração de estratégias de combater

o Bullying é essencial, para que os indivíduos possam viver normalmente independentes de cor, raça, sexo, religião e condições sociais.

Contudo, a grande dúvida está em distinguir a identificação dos atores que protagonizam a peça da realidade do Bullying nas instituições de ensino, transformando todos os envolvidos em sujeitos de direitos, através de estratégias escolares e sociais que ajudem no processo de recuperação de jovens e adolescentes.

4 O BULLYING NA ESCOLA ESTADUAL CEL. JOÃO FERNANDES DE BRITTO

De acordo com o histórico da escola disponibilizado pela Secretaria de Estado da educação Diretoria Regional de Educação DRE'06 o Colégio Estadual “Cel. João Fernandes de Britto” foi construído em 1925, sendo o governador de Estado o Ilustríssimo Senhor Graccho Cardoso e prefeito dessa cidade “Hercílio Britto”, localizado na cidade de Propriá/SE.

Em homenagem ao eminente “Cel. João Fernandes de Britto” político em evidência na época, o governo estadual, decidiu dar o nome que atualmente ostenta a escola. No ano de 1969, durante a gestão do governo Lourival Batista, a referida unidade escolar, teve suas instalações ampliadas e por força do Decreto Lei nº 3.321, datado de 09 de Janeiro de 1976, foi transformada de Grupo Escolar para Escola de 1º Grau.

Desta data, passou a ministrar de 1ª a 8ª série. No dia 21 de dezembro de 2006 teve o reconhecimento do Ensino Médio de acordo com a Resolução nº 439/CEE, de 21/06/2006, passando a ser denominado de Colégio Estadual “Cel. João Fernandes de Britto”. A referida Escola funciona nos três turnos, apresenta um quadro estatístico de 1.118 alunos, 33 professores efetivos 10 oficiais administrativos, 11 executores de serviços básicos, 16 professores contratados, 10 vigilantes e 07 merendeiras. Teve como seu 1º diretor, o Dr. Etelvino Tavares, após alguns anos foi substituído pelos professores: Cesário Siqueira, Eunice Evangelista Alves, Vera Maria Pinheiro, Maria Helena Menezes, Valdemar Vieira Nunes, José Correia de Araújo Monteiro, Joelita Melo Fontes, Aldemir Silvestre Gomes, Rejania Nascimento Alcântara, Maria Feitosa Silva Rodrigues, Dênio Murilo Pinheiro Torres, Yara

Porto da Silva. Atualmente, está sendo dirigida pelas coordenadoras, Maria do Carmo Rodrigues Amorim, Maria José Barbosa e Maria José da Silva.

Sua proposta curricular é voltada para a cidadania dentro de uma sociabilidade com base na prática de conceitos democráticos e fins éticos, liberdade, respeito, dignidade, justiça, diálogo e verdade.

4.1 A ocorrência de Bullying na Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto

A pesquisa de campo foi realizada no dia 03 de maio do ano de 2012, tendo como lócus a Escola Estadual Coronel João Fernandes de Britto, na cidade de Propriá estado de Sergipe. Foi utilizado um questionário semi - estruturado, com dezenove perguntas sobre o tema bullying, tendo como amostra os 20 alunos do 7º ano vespertino que responderam espontaneamente a todas as perguntas.

Aos 4 (quatro) professores da referida instituição estadual de ensino, foi também aplicado um questionário estruturado fechado com dezessete perguntas sobre o tema Bullying, que de pronto todos responderam espontaneamente a todas as perguntas. É importante frisarmos, que a direção da instituição colocou-se a disposição para que pudessemos efetivarmos nossa pesquisa de campo, dando-nos apoio total, nos apresentando aos professores e alunos, o que facilitou-nos acerca das explicações do tema, e as abordagens iniciais. Os primeiros a serem entrevistados foram os professores: Uma professora de religião; Um professor de ciências; Um professor de matemática e uma professora de geografia.

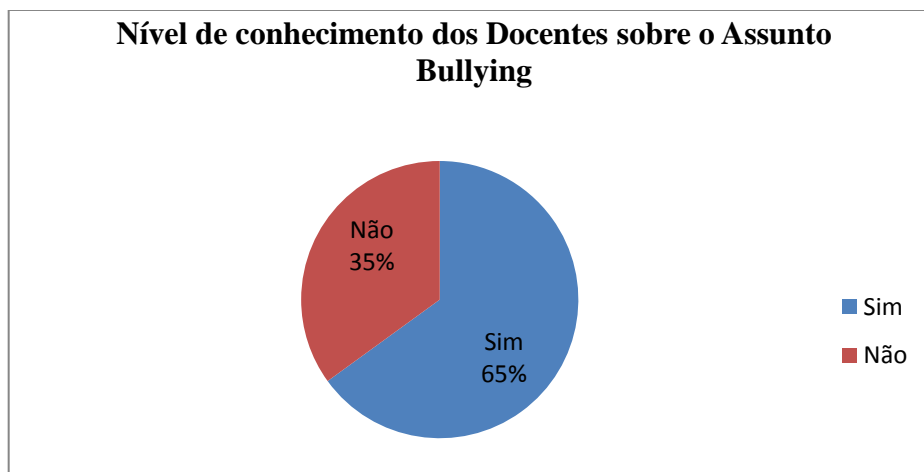
Os demais professores não encontravam - se na instituição, pois estavam em Aracaju, motivados por uma greve dos funcionários da educação do estado. Mesmo assim, não houve alterações na dinâmica da pesquisa que demos continuidade.

Num segundo momento, realizamos a pesquisa com os alunos que encontravam-se em sala de aula. As entrevistas aconteceram de maneira cordial e descontraída, pois nossa presença frente ao alunado despertou curiosidade nas demais salas de aula, que queriam saber os motivos da nossa presença na instituição, fato que não atrapalhou nosso desempenho, nem a participação dos alunos.

Fizemos nossas apresentações aos alunos e explicamos os motivos de nossas presenças e em que consistia a pesquisa, auxiliando-os a entenderem as perguntas dos questionários. A sala do 7º ano é composta por 20 alunos que estão na faixa etária entre 12 a 17 anos ,sendo que 14 (quartoze) dos alunos são do sexo feminino e 6 (seis) do sexo masculino..

Os gráficos que mensuram as nossas análises e reflexões estão caracterizados a seguir.

Gráfico 1: Nível de conhecimento dos docentes sobre o assunto Bullying.



Fonte: Dados coletados através de questionários aplicados aos docentes do 7º Ano da referida escola no dia 03 de Maio de 2012

O primeiro questionamento foi feito aos docentes acerca de como eles encaravam a problemática dentro da sala de aula seu entendimento acerca do bullying, porém a escola

não consegue efetivar os cursos ou preparação para os docentes, com a temática abordada o que dificulta o entendimento do fenômeno e suas consequências nas vidas e no comportamento dos aprendentes.

Durante a pesquisa, os docentes colocaram suas experiências e o que entendiam sobre o bullying, porém, percebe-se que suas opiniões e conceitos poucos diferenciam do senso comum, que assemelham o bullying com atos de violência corriqueiros, por ter em sua raiz características de ato de agressão.

Nota-se a falta de um plano pedagógico onde se trabalhe a compreensão do tema e sua prevenção e que esteja inserido no plano educacional emponderando os professores e equipe pedagógica para trabalharem com a prevenção, tratamento e o combate no ambiente escolar.

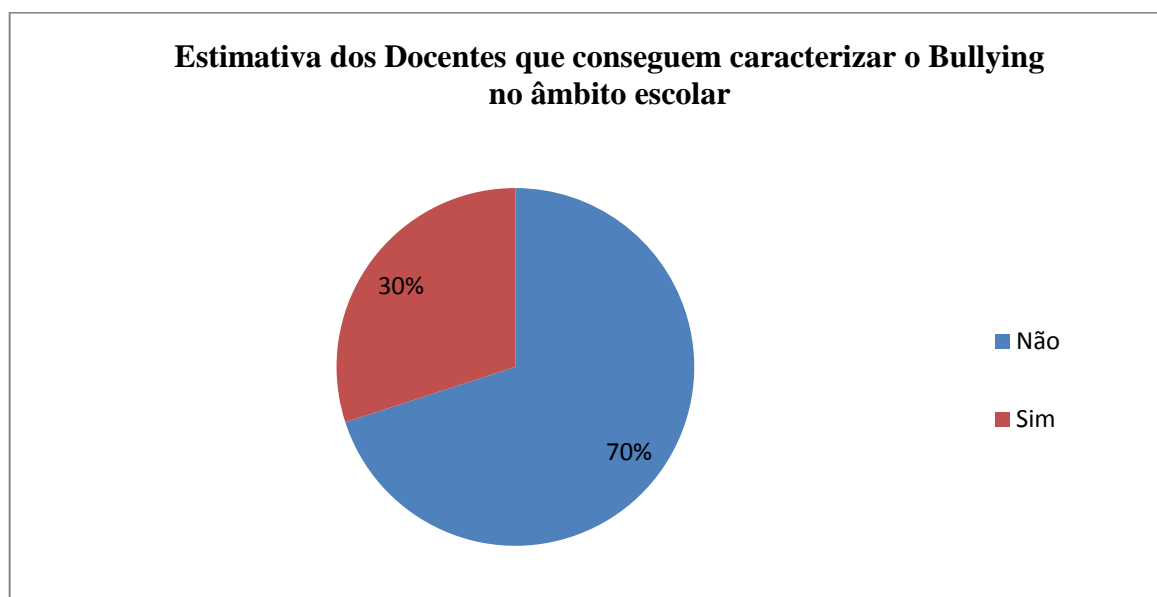
Quando observa-se o gráfico verifica-se que 4 (quatro) professores equivalente a 35% dos docentes, não conseguem falar com segurança sobre o tema, demonstrando que a instituição estadual não prioriza a especialização de sua equipe nesse tempo, o que dificulta a compreensão e prevenção do bullying no contexto escolar. Os demais professores 65% expressam seus conceitos acerca do tema e demonstram capacidades de avaliar e diferenciar o bullying de outras formas de agressão, o que facilita propor forma de prevenção e combate, porém demonstra a falta de outro compromisso do Estado, fomentar condições de priorizar treinamento para os docentes nesse tema, ou abrir espaço para contratar profissionais capacitados na prevenção do bullying.

Essa inoperância do estado, deve-se ao descompromisso do mesmo, em resolver problemas inerentes à especialização dos docentes, essas observações foram enfatizadas em conversas extraquestionário com os entrevistadores que evidenciaram essas dificuldades na detecção e prevenção do bullying na escola, assim como, não conseguem também envolver a comunidade escolar nessas iniciativas.

Caracterizar o bullying em sala de aula tornou-se tarefa difícil aos docentes, pois, quando perguntados sobre o tema, suas respostas se mostraram inadequadas para uma caracterização perfeita do fenômeno, pois tornou-se comum as pessoas confundirem o bullying com as demais formas de violência, na prática cotidiana essa descaracterização do fenômeno impede que se trabalhe em sala de aula a questão com maior ênfase, tornando sua prevenção quase inexistente. O gráfico evidencia essa discrepância entre conhecer o fenômeno e caracterizá-lo, apontando 70% dos entrevistados desconhecedores das reais formas de bullying e sua caracterização, para melhor preparar estratégias e metodologias de enfrentamento do fenômeno.

Os demais 30% dos docentes conseguem caracterizar o fenômeno bullying, sem inseri-lo em outros conceitos, o que facilita a ação do docente na detecção e prevenção do fenômeno em sala de aula, porém é crucial ressaltar que os docentes demonstraram seu completo despreparo, para metodologicamente criar estratégias de prevenção, visto não serem oferecidos pelo Estado, cursos ou treinamentos que visem prepará-los para a prevenção do fenômeno.

Gráfico 2: Estimativa dos Docentes que conseguem caracterizar o Bullying no âmbito escolar



Fonte: Dados coletados através de questionários aplicados aos docentes do 7º Ano da referida escola, no dia 03 de Maio de 2012.

Os docentes demonstraram querer conhecer melhor o tema, porém, mesmo com essa aspiração não conseguem mobilizar a categoria nesse sentido, pois, no momento são outros os objetivos definidos para os docentes, até mesmo com a profusão do tema pela mídia televisiva o tema pareceu confuso no seu entendimento, e a prevenção também torna-se complexa por falta da compreensão maior do fenômeno. Os docentes reconhecem que existem casos de bullying na escola, mas também reconhecem sua inoperância quanto à prevenção dos mesmos.

Se evidenciou também que apesar das características do bullying ser constante a qualquer ato de violência ele possui atos peculiares que diferencia de uma agressão corriqueira. Seu principal alvo é o psicológico, portanto segundo os docentes o fenômeno na escola é detectado por palavras e debates ofensivo, homossexualismo, obesidade, cor, nível intelectual, chegando até a uma agressão física.

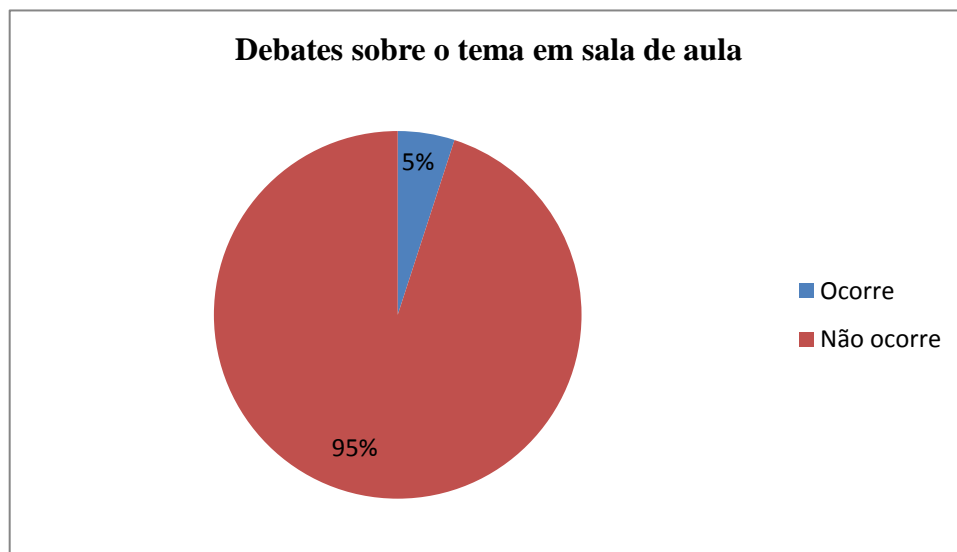
É esse multifacetado entendimento sobre o tema, que os docentes não conseguem entender e misturar os diversos conceitos, fato que não diminui a importâncias dos docentes na detecção do fenômeno em sala de aula, porém em vários casos característicos de uma ação de bullying, não poderão os docentes entender sua funcionalidade e como se processa sua prevenção, o que exigiria medidas mais complexas e conhecimentos específicos da temática.

Os professores foram em sua maioria, enfáticos em declarar, que acontecem atos entre seus alunos, que poderiam serem enquadrados como atos de bullying, porém as dificuldades de tempo, promovidas por um currículo escolar que não prioriza aulas de moral, ética e se definem como multidisciplinar, visando somente a acumulação de conhecimentos teóricos, fogem ao controle dos docentes que buscam em apenas 50 (cinquenta) minutos de aula, promover a educação qualitativa, abrangente para tornar a aprendizagem significativa de seus aprendentes, em algumas das diversas disciplinas teóricas, que fogem aos contextos de realidades vividas pelos aprendentes.

Compreender o fenômeno bullying é crucial para uma melhor confrontação de medidas preventivas que fundamentará a proteção dos aprendentes. Ficou claro que os docentes querem aprender mais sobre o tema, para melhor conduzir suas iniciativas e abordagem na detecção e prevenção, criando um espaço onde a real aprendizagem aconteça na formação da cidadania, focada no respeito e na aceitação do outro.

Neste gráfico destacamos o grau de assiduidade com que os professores debatem com os alunos sobre o tema pesquisado. Ficou demonstrado que 95% dos aprendentes afirmaram que de nenhuma forma, nem, palestra, mobilização, nem mesmo em sala de aula, o assunto é debatido. Apenas 5% informaram que o assunto é discutido superficialmente nas salas de aula.

Gráfico 3: Ocorrência de debates em sala de aula acerca do tema Bullying



Fonte: Dados coletados através de questionários aplicados aos alunos do 7º Ano da referida escola no dia 03 de Maio de 2012.

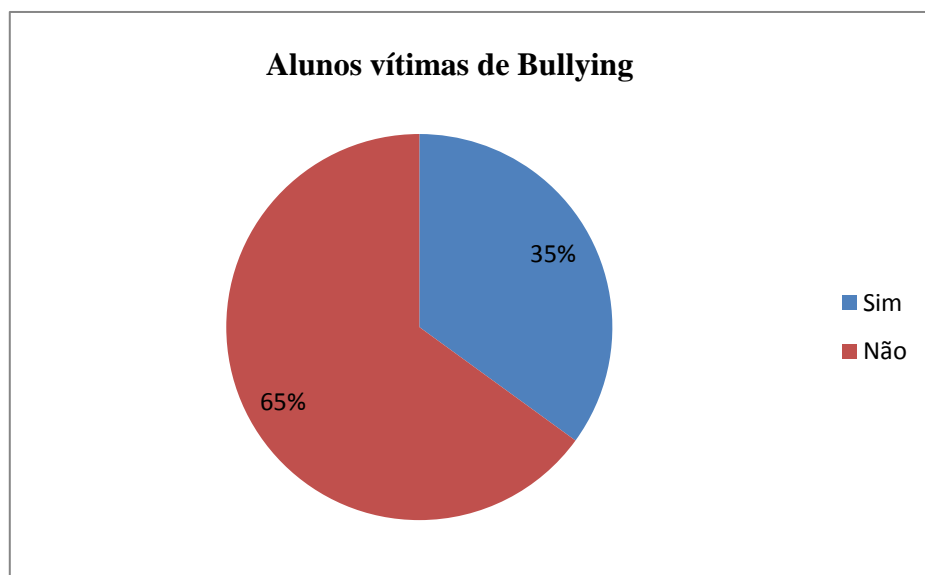
Evidenciou-se também, o completo despreparo dos docentes que não sentem-se devidamente preparados para abordarem o tema e conseqüentemente não conseguem elaborar possíveis projetos didáticos onde a abordagem do tema seja enfatizado e produza conhecimentos significativos e práticos para a prevenção do fenômeno. Esse despreparo dos

docentes sinaliza completo descompromisso do Estado em efetivar condições de aperfeiçoamento dos docentes, fugindo a sua responsabilidade social.

Não se consegue efetivar eventos que enfoquem o tema, direcionado aos docentes ou aos aprendentes, pela completa falta de estrutura que dinamizem os processos burocráticos que emperram a efetivação desses objetivos. Evidenciou-se também, que alguns docentes superficialmente abordaram o tema esporadicamente em sala de aula.

Quando analisamos as respostas e dados sobre o quantitativo de alunos que já passaram por bullying na escola, obtivemos 35% dos entrevistados confirmando que sofreram por parte de alguns colegas bullying, fato que evidenciou a existência de casos de bullying na escola e com uma frequência inimaginável, atingindo boa parte do número de aprendentes.

Gráfico 4: Quantitativo de Alunos vítimas de Bullying



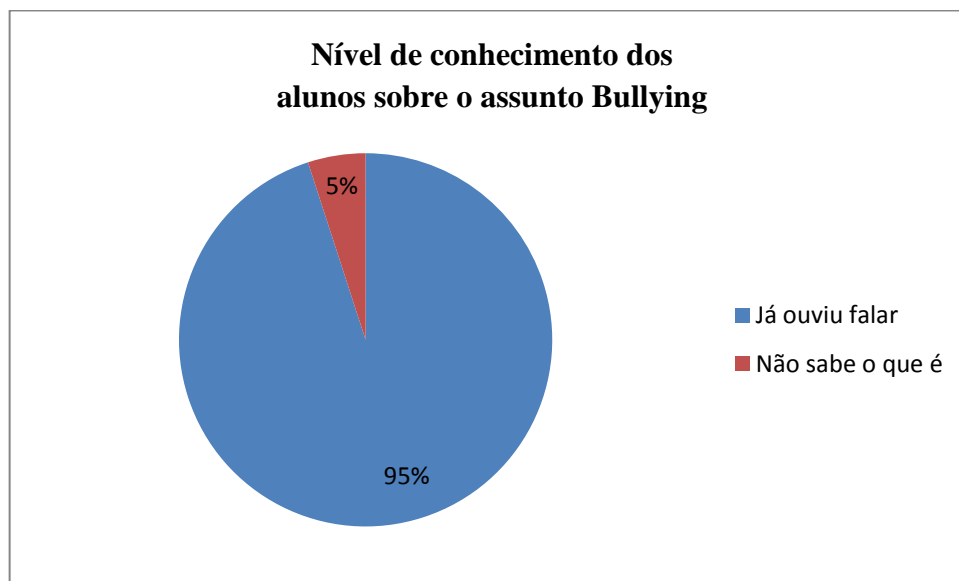
Fonte: Dados coletados através de questionários aplicados aos alunos do 7º Ano da referida escola, no dia 03 de Maio de 2012.

Observou-se também que 65% dos aprendentes, não sofreram nenhum tipo de agressão, violência ou bullying, não descartando, porém a ideia de terem sofrido algum tipo de bullying em algumas vezes, não repetindo-se ou tornando-se rotineiras, o que não descaracteriza o ato violento. É importante frisar, que os adolescentes entrevistados

demonstraram reconhecer ou diferenciar casos de bullying em alguns momentos, comparando-os com violências físicas, porém, variados tipos de bullying torna complicado a sua caracterização, tornando difícil para os aprendentes levar o caso aos professores ou aos diretores para que providências sejam tomadas a tempo, na prevenção e no combate à prática.

Quando aborda-se a temática do bullying e se deseja saber se os aprendentes conhecem ou sabem caracterizá-lo nas diversas formas existentes, evidenciou-se na pesquisa que os mesmos não conseguem caracterizá-lo com exatidão o fenômeno. O gráfico demonstra que 95% não sabem com exatidão caracteriza-lo ou demonstrar seus efeitos nas vítimas. O que ficou demonstrado é que os estudantes confundem o bullying com brincadeiras corriqueiras e sem nenhum objetivo de ferir ou magoar os colegas.

Gráfico 5: Nível de conhecimento dos alunos sobre o assunto Bullying.



Fonte: Dados coletados através de questionários aplicados aos alunos do 7º Ano da referida escola, no dia 03 de Maio de 2012.

Os alunos conseguem socializar-se com facilidade, tanto em sala de aula quanto na hora dos intervalos, porém constatou-se em conversas com os alunos, que a maioria dos atos de violência relacionados ao bullying acontecem nos horários dos intervalos, quando é menor a ação de intervenção dos docentes, dificultando posteriormente qualquer atitude

punitiva. Daí a importância do trabalho preventivo ainda em sala de aula, oportunizando aos alunos, condições de falar sobre o tema e exigir providências disciplinares, combatendo antecipadamente o fenômeno.

4.2 Violência, Bullying e o Papel da Família e da Escola

Em meio a todo um processo educacional percebe-se que o papel da família está sofrendo alterações junto à educação de seus filhos, cuja obrigação educacional tem sido direcionada às instituições de ensino, quando a família deveria constituir o primeiro lugar de toda e qualquer educação. Embora a sociedade potencialize o repasse de culturas de pai para filho, houve um distanciamento entre os membros da família devido às diversas funções que seus componentes têm desempenhado no mercado de trabalho, afastando-se cada vez mais da sua participação na educação e no desenvolvimento dos valores e do caráter de seus filhos.

O fato de vivermos num mundo capitalista, na procura da uniformidade gerando competição desenfreada acaba provocando a inadaptação social vivenciada por muitas famílias ressaltando condutas nos jovens de acordo com o que vivenciam cotidianamente, os ditos jovens, com ausência de referenciais positivos. Evidenciando a violência na escola, que reforçam a desagregação familiar como fatores desencadeadores de comportamentos violentos. Em consonância da falta de interesse em estar na escola, das amizades estarem relacionadas ao grupo que possuam armas, sejam adeptos ao consumo de álcool, tabaco e visão excessiva de televisão, de modo a determinar espaços violentos no convívio escolar, e a gerar comportamentos cada vez mais agressivos.

O conflito social de lutas de classes, onde o maior exerce poder sobre o menor é a base histórica da nossa relação, favorecendo situações de desordem e conflito social principalmente sobre aqueles que estão em fase de construção de identidade, como no âmbito escolar. Segundo SILVA “com tantas mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas, a educação transformou-se de forma veloz e um tanto confusa. Essas mudanças criaram, em pouco tempo, novos valores e novas referências que passaram a ser aplicados na formação educacional dos jovens de então” (SILVA, 2010 pag. 59).

Com o movimento político, cultural e social de 1968, antigas concepções foram literalmente colocadas de cabeça para baixo e as gerações entraram em um confronto jamais visto anteriormente. Os jovens naquela época tornaram-se protagonista nas relações sociais, na política e no mundo profissional. Os conflitos de classes sociais foram flexibilizados em parte, no entanto os de geração exacerbaram de forma significativa. A juventude das décadas de 60-70 propunha, de forma idealizada, um mundo diferente, mais livre, igualitário, contestador e quase fantasioso (SILVA, 2010 pag. 58).

Segundo Moreira (2010), é preciso unir esforços no sentido de amenizar esses efeitos, porém é preciso ter consciência de que se trata de uma questão que está na base da sociedade, e, portanto, estrutural, socioeconômica, cultural e, principalmente, na inversão dos valores da moral humana.

Deste modo, cabe à instituição escolar analisar a forma como exerce seu controle, sua organização pedagógica pra que possa prevenir e combater atos violentos no contexto escolar, numa perspectiva de amenizar essa violência.

4.3 Prevenindo e Combatendo o Bullying nas Escolas

A escola é um ambiente onde se processa variados contextos de aprendizagem, onde está em jogo subjetividades da socialização, diferentemente dos contextos familiares e sociais; Auxilia de diversas formas a compreensão do outro, das diferenças e dos vários contextos de vida, trazendo os alunos mais próximos da originalidade e simplicidade de uma aprendizagem significativa, porém é nesses contextos que acontecem diversificadas formas de Bullying, que devem ser evitadas, com variadas formas de prevenção e conscientização de toda a comunidade escolar.

Para que se processe um programa de prevenção do Bullying no contexto escolar, é necessário que a comunidade escolar reconheça suas limitações ao tratar do tema, e também busque ajuda profissional, que auxilie na criação de campanhas educativas e preventivas. Fante (2005) aborda muito bem acerca do envolvimento da comunidade escolar no contexto de prevenção:

A conscientização e a aceitação de que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos e que devem ser encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violência são fatores decisivo para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares (FANTE, 2005, pag. 91).

Dessa forma, quanto mais se envolve a comunidade escolar nos contextos de prevenção e combate ao bullying, mais chances de efetivar progressos e conquistas nessa temática irão acontecer. Desenvolvimento de todos, assegurará assertividade dos procedimentos e atividades preventivas e de combate ao fenômeno.

Certos procedimentos metodológicos preventivos contra o bullying devem ser iniciados, criando um ambiente de segurança na sala de aula e na escola, cordialidade entre os

docentes e respeito entre os alunos devem ser exigidos, criando valores e ética. Conhecer a realidade escolar, os diversos tipos comportamentais em jogo, em sala de aula e nos intervalos, para melhor adequar as medidas preventivas propostas. Conhecer individualmente cada aluno, papel da docência e dos cargos diretivos, conhecer as realidades de vida desses alunos, configurando-se um relacionamento intra e extra-escolar, proporcionando entendimento de diversos quadros realísticos da família, para poder melhor exigir envolvimento do grupo familiar e valorizar competências que somadas trarão resultados na prevenção do Bullying.

A confiança nas capacidades subjacentes das pessoas, a valorização dos aspectos emocionais na comunicação interpessoal, a importância de ouvir e de compartilhar experiências são formas as quais se faz referência constante durante o trabalho com o grupo e que promovem um clima mais atento às relações, mais caracterizado por um ponto de vista socioafetivo (CONTANTINI, 2004, pag. 85).

Para melhor conseguir a sinergia do grupo para a mesma finalidade, prevenir ou combater o bullying na escola, deve-se compreender também os limites individuais e grupais, pois a temática é complexa e muitas vezes as vítimas não conseguem externar seu sofrimento ou angústia, demorando a reclamar ou pedir ajuda e conseqüentemente o despreparo dos pais e docentes, dificulta a ação de enfrentamento ou prevenção.

A receita para enfrentar a falta de preparação ou conhecimento sobre o tema deve ser a do reconhecimento, tanto de professores como de familiares, de que não se conhece o suficiente sobre o tema e como preveni-lo assim quais ações devem ser utilizadas e de que forma. Uma dessas formas de preparação para o enfrentamento é o debate, como enfatiza Constantini (2004).

Esses encontros, com caráter de assembleia, podem ser separados por categorias de referências: com o corpo docente e não docentes, com os representantes dos pais e com os estudantes, agrupados segundo a tipologia das classes. Nos encontros, haverá espaço para discutir os resultados de questionários, apresentar o plano de ação a longo prazo e abrir um debate. Ter encontros separados é funcional não só para os problemas relativos ao espaço é à quantidade de pessoas presentes, mas, tendo em vista uma certa qualidade de discussão, para encarar temas e perguntas homogêneas a serem tratadas no debate (CONSTANTINI, 2004 pag. 105).

Esses treinamentos e fóruns proporcionados pela escola melhoram os conhecimentos sobre o tema, proporcionando a toda comunidade escolar condições de melhor enfrentar o fenômeno e propor diversas outras formas, de interação grupal e participação ativa frente às necessidades de ações preventivas e combativas do bullying.

Deve-se esclarecer que, esses debates devem acontecer por iniciativa do corpo docente e diretivo da escola que convidará especialistas na área, que possam vir repassar seus conhecimentos e experiências, para depois aconteçam à socialização para os demais membros interessados e da comunidade escolar.

Campanhas com cartazes, promovidas dentro das salas de aulas, onde os próprios alunos construam a partir dos seus conhecimentos prévios, mensagens, cartazes, folhetos panfletos e apresentações que apresentam o tema bullying, prevenção e combate. Promover concursos de poesia música e dança onde a temática esteja focada na prevenção do bullying (FANTE, 2005).

Por fim a escola e toda comunidade escolar devem priorizar espaços para a socialização com base na humanização do ensino – aprendizagem, criando condições de envolvimento de todos num só contexto, vítimas opressor, docente, família, diretores e demais membros da comunidade escolar, para juntos efetivarem mudanças, ouvindo opiniões, aceitando novas metodologias, novas formas de enfrentamento do fenômeno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens e adolescentes parecem, quando abordamos o tema bullying, que perderam a noção de regra e respeito ao próximo, como se não objetivassem nada para o seu futuro, importando-lhes somente o agora, e que seja o mais arriscado possível, para que fiquem entusiasmados e excitados, porém, essas emoções não conseguem torná-los sociáveis e capazes do enfrentamento diário dos problemas mais cotidiano da vida. A falta de valores na juventude é evidente, conseqüentemente o respeito às regras, as leis e aos outros não existem, trazendo sérios problemas à sociedade.

É notório a falta de participação familiar na educação desses jovens. Os pais tentando se enquadrar nos requisitos sociais que lhe são impostos fragiliza os vínculos familiares adotando uma relação corriqueira que não atende a necessidades humanas de seus filhos, que tomam como referências normas inaceitáveis muitas das vezes sendo usada para chamar atenção de seus pais e dos que estão em sua volta.

Aliado a isso, temos o Estado que se recusa a colocar profissionais qualificados que não só atendam as exigências pedagógicas de ensino, mas que atenda as necessidades de aprendizagem dos alunos, analisando seu contexto social e suas debilidades de aprendizado para fomentar recursos que auxiliem em seu rendimento escolar.

O que vê-se atualmente são docentes que não recebem do Estado, nenhum incentivo para trabalhar a temática nem a sua identificação, o que dificulta ainda mais a abordagem em sala de aula e diagnosticar esse fenômeno diante dos outros tipos de violência.

Diante disso percebe-se a necessidade de ampliar o quadro de profissionais na educação não só o profissional educador, mas o assistente social que deverá efetivar sua

parcela contributiva para minimização desse fenômeno na sociedade e na escola; o Estado deve assumir sua co-responsabilidade na prevenção e no combate, criando condições de envolvimento de diversos segmentos e setores, públicos e privados para melhor mensurar as práticas e alternativas que possam melhorar o enfrentamento com resultados do fenômeno bullying.

REFERÊNCIAS

- ABRAPIA. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. RJ, s/d. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm#Mas>. Acesso em 02 de abril de 2012.
- ASSÉDIO MORAL, UMA VISÃO GLOBAL. Assédio Moral, harcèlement moral, bullying, mobbing, acoso moral, le molestiemorali, ijime<http://www.tchillacandido.com.br/assediomoral/8_OUTROSPAISES.pdf>Acesso 03 Abril 2012.
- BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artemed, 2006.
- BARROS, Alice Monteiro. “**Assédio moral**”. Disponível em <[http://www.amatra6.com.br/amatra/ed20_1 .htm](http://www.amatra6.com.br/amatra/ed20_1.htm)>. Acesso em 10 Abril 2012.
- BRASIL, **Violência faz mal à saúde** / [Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al.]. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 298 p.: il. color. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).<<http://pt.scribd.com/doc/48264730/Ministerio-da-Saude-Violencia-faz-mal-a-saude>>Acesso 02 março 2012.
- BRASIL, Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária, 2006 <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social/snas/livros/plano-nacional-de-convivencia-familiar-e-comunitaria-2013>>. Acesso 02 abril 2012.
- BERTELLI Janete Galdino e VIANA Helena Brandão: **Bullying na escola: a atividade física pode ajudar**, Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - N° 140 - Enero de 2010. Disponível em<<http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 13 de Maio 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF Senado Federal, 1988.
- CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?** : prevenir e enfrentar a violência entre jovens. SP: Itália Nova editora, 2004.
- COHEN, David. **Tortura corporativa**. Exame, p.14-15, 6 mar. 2002.
- DELA COLETA, José Augusto. A técnica do incidente crítico: aplicações e resultados. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 06 de Abril 2012.
- DOURADO, Lorena Paula Dantas; **Uma Breve Reflexão sobre o Bullying no Ambiente Escolar e o Papel do Professor**; Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento de Educação – Campus I Curso de Pedagogia; Salvador, 2011.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação.** 2.ed.Porto Alegre: Bookman, 2005.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

GUIMARÃES, Terezinha Duro e ROCHA, Maria Aparecida Marques, **Transformações no mundo do trabalho: repercussões no mercado de trabalho do assistente social a partir da criação da LOAS** Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 7 n. 1 p. 23-41. jan./jun. 2008 <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/3936/3200>>. Acesso 06 abril 2012.

GOMES, Marcelo Magalhães, O bullying escolar no Brasil, 2011 <http://www.soartigos.com/artigo/9851/O-bullying-escolar-no-Brasil/>. Acesso 06 abril 2012.

GUEDES Márcia Novaes **Mobbing** - Violência psicológica no trabalho. Juíza do Trabalho substituta da 5ª Região - Bahia e Membro do IBDT - Instituto Bahiano de Direito do Trabalho. 2003/0096 <<http://www.fiscosoft.com.br/a/29bs/mobbing-violencia-psicologica-no-trabalho>>. Acesso 01 Abril 2012.

GUEDES, Márcia Novaes. **Terror psicológico no trabalho**, São Paulo, LTr, 2003, p. 63

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Mal estar no trabalho - redefinindo o assédio moral.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 350 p.

LISBOA, C. BRAGA, L.L.; EBERT, G.. **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção.** Contextos Clínicos, vol. 2, n. 1: (59-71), janeiro-junho 2009.

MELO Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**, Recife: EDUPE, 2010.

MOREIRA, Dirceu. **Transtorno do assédio moral-bullying: a violência silenciosa**, Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

MIRANDA NETO, H.C . **Assédio Moral: constrangimento e humilhação em Instituições de Educação Superior.** Dissertação de Mestrado. Centro Universitário do Triângulo – UNIT – Uberlândia – MG 2002.

LOPES NETO Aramis A. **Bullying - Comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, vol. 81, nº 5. Porto Alegre, Nov. 2005, p. S164-S172. Disponível em <www.scielo.br/pdf/jped/v81n5_s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 10 de Março 2012.

NETO Aramis A. Lopes; SAAVEDRA, L.H. **Diga NÃO para o Bullying.** Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2007.

NASCIMENTO, Sônia A. C. **O assédio moral no ambiente de trabalho.** Disponível em: <<http://www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=5433>>. Acesso 05 março 2012

OLIVEIRA, Euler Sinoir de. **Assédio moral: sujeitos, danos à saúde e legislação.** Disponível <http://www.forense.com.br/Atualida/Artigos_DT/assedio.htm>. 20 abril2012.

PEREIRA, Sonia Maria de Souza **Bullying e suas implicações no âmbito escolar**—São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TARCITANO João Sérgio de Castro e GUIMARÃES Cerise Dias, **Assédio Moral no Ambiente de Trabalho,** Juiz de Fora 2004. <www.assediomoral.org/IMG/pdf/assedio_moral_no_trabalho_no_ambiente_de_trabalho.pdf>. Acesso 08 abril 2012.

RUBIN, & PAGEL, G. *Todos contra um* – Revista *Época* – nov.2006, pp 70-72.<<http://www.efdeportes.com/efd140/bullying-na-escola-a-atividade-fisica-pode-ajudar.htm>> acesso em 13 de Maio 2012.

<http://o-que-significa.com/bossing>. Acesso em 13. Abril. 2012.

http://www.nucleomascaro.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=57:assedio-moral-no-trabalho&catid=37:assedio-moral-no-trabalho. Acesso em03.Maio.201

ANEXOS

APÊNDICE